

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE HISTÓRIA

EDUCAÇÃO ESCOLAR E MOBILIDADE SOCIAL: O QUE
PENSAM OS ALUNOS DA ESCOLA PÚBLICA?

MARGARETT OLIVEIRA

MARGARETT OLIVEIRA

EDUCAÇÃO ESCOLAR E MOBILIDADE SOCIAL: O QUE
PENSAM OS ALUNOS DA ESCOLA PÚBLICA?

Monografia apresentada no Curso de Graduação em História, do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do título de Bacharel em História, sob a orientação do Prof Dr Paulo Roberto de Almeida

Uberlândia, Março de 2007

Oliveira, Margaret. 1980

Educação Escolar e Mobilidade Social: O Que Pensam os Alunos da Escola Pública?

Margarett Oliveira – Uberlândia, 2007

38 fl

Orientador: Paulo Roberto de Almeida

Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia, Curso de Graduação em História.

Inclui Bibliografia.

MARGARETT OLIVEIRA

EDUCAÇÃO ESCOLAR E MOBILIDADE SOCIAL: O QUE
PENSAM OS ALUNOS DA ESCOLA PÚBLICA?

BANCA EXAMINADORA

Prof Dr Paulo Roberto de Almeida

Ms. Sérgio Paulo Morais

Mestranda: Juliana Lemes Inácio

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Ariovaldino e Margarida, a minha irmã Maristela, ao meu namorado João Netto por ter me apoiado ao longo destes anos de faculdade em momentos difíceis, ao meu orientador Paulo Roberto a quem devo este trabalho por ter acreditado em mim, e as minhas amigas Elisângela, Juliana e ao amigo Eronildes por ter me dado força em momentos de desespero com a pesquisa, e a todas as pessoas que diretamente ou indiretamente me ajudaram apoiando com carinho e força para que este trabalho se tornasse realidade, sendo assim a concretização de um sonho e infelizmente ainda não possível a todos jovens brasileiros. E o meu sincero agradecimento aos entrevistados porque me deram um pouco de seu tempo e tornou possível este trabalho; e aos membros da banca examinadora.

SUMÁRIO

Resumo.....	7
Introdução.....	8
Capítulo 1 – As expectativa dos alunos vinculada à escola.....	10
Capítulo 2 – As dificuldades enfrentadas pelos alunos enfatizando a questão do silêncio nas narrativas.....	25
Considerações finais	34
Fontes.....	35
Referências.....	37

Resumo

A monografia tem como fonte principal a história oral. No primeiro capítulo, procurei discutir as expectativas dos alunos que freqüentam a escola pública percebendo-a como uma forma de ascensão social. No segundo capítulo, busquei fazer a discussão acerca das dificuldades enfrentadas pelos alunos de uma forma geral, enfatizando a questão do silêncio nas narrativas mediante aos questionamentos realizados sobre o tema.

Introdução

O contato inicial com o tema “educação” se deu durante as aulas de Prática de Ensino I e II - porque foi onde realizei todo o meu estágio - durante as aulas e o contato com a Escola Estadual Segismundo Pereira de Ensino Fundamental e Médio, movendo-me inicialmente a pensar e refletir um pouco mais sobre o ensino, porque posteriormente o foco do trabalho tornou-se os alunos.

Encontrei alunos interessados, outros sem nenhuma perspectiva em relação ao ensino, que freqüentam a escola sem nenhum interesse, que não querem nada com a educação, que estão ali por falta de opção, ou em alguns casos porque a família obriga. E relacionado ao professor em momentos o sentia estimulado, faço referência ao professor Cláudio Rodrigues regente da turma que fiz estágio na Escola Estadual Segismundo Pereira, já em outros momentos de final de semestre o notei cansado, mas sentia que ainda acreditava no que estava fazendo, ainda via sentido porque havia alunos que vão à escola em busca de um futuro melhor mesmo quando tem um ou outro desinteressado. O professor não desiste, busca dar sua aula mesmo não tendo todos os recursos porque a escola tem uma sala onde tem uma televisão, vídeo cassete e DVD que nem sempre estão em funcionamento e devem ser agendados com antecedência a sua utilização e não esquecendo que na sala da vice-diretora tem um pequeno aparelho de som sendo solicitado com antecedência pode ser usado.

No meu primeiro contato com a escola não encontrei nenhuma dificuldade, falei com a diretora ela me deixou a vontade para falar com os professores para que liberassem os alunos em momentos que não viesse a comprometer as suas aulas. As primeiras entrevistas foram realizadas durante o projeto de pesquisa e naquele momento eu entrevistei os alunos do turno da manhã do segundo colegial da sala 13. Neste segundo momento, as entrevistas foram com os alunos da noite onde em sua maioria trabalha o que dificultou um contato maior com eles. Pois tive a oportunidade de ir até a casa de alguns alunos do turno da manhã falar com eles fora da escola porque não trabalham. Enquanto o pessoal da noite as entrevistas foram todas elas realizadas na escola durante as aulas de História aonde a professora Solange

Guimarães de Resende ia liberando um aluno por vez para conversar comigo, e às vezes por motivo da aula ser no primeiro horário eu tinha que ficar aguardando a chegada dos alunos que como em todos os dias que estive na escola sempre se atrasam devido à chuva ou por trabalhar até mais tarde, fui à escola por três vezes para conseguir realizar as entrevistas com os alunos e alunas da turma do segundo colegial da sala 07 do noturno.

A realidade da escola pública é difícil porque na turma da manhã tem um ou outro aluno que trabalha por meio período. Em contrapartida, na turma da noite a grande maioria trabalha e vai à escola em busca de um futuro melhor, um emprego para se sustentar e às vezes ajudar a família. Na turma da manhã nota-se esta diferença, pois a maioria dos alunos é sustentada pelos pais, não precisam trabalhar. Fazendo um paralelo, são realidades diferentes onde alguns alunos falam que o ensino é diferente de um turno para o outro, alegando que para o noturno seria mais facilitada na forma do professor ministrar as aulas e o conteúdo.

Analisando matematicamente, metade da turma do noturno mora afastada da escola, aonde por motivo financeiro vem a pé, de bicicleta, mas vem pra escola. Eles ainda acreditam na escola pública como meio para melhorar a condição financeira e isso me chamou atenção porque o bairro Santa Mônica onde a escola está situada é uma localidade muito próxima ao centro, é um bairro de classe média ou até mesmo classe média alta. No início eu pensava que a grande maioria dos alunos seria do bairro ou no máximo dos bairros mais próximos, mas não foi isso que eu constatei com as conversas que eu tive com os alunos principalmente com a turma da noite. Pois, de manhã eles moram mais próximos à escola, na turma da noite os alunos são menos favorecidos financeiramente, mas tem uma vontade de melhorar a sua condição financeira através do conhecimento, do ensino e eles tem consciência que são pobres, mas querem melhorar de vida, e vêem isso através do ensino, da escola.

Nesse sentido, no primeiro capítulo, discuto as expectativas dos alunos que freqüentam a escola pública percebendo-a como uma forma de ascensão social. No segundo capítulo, problematizo as dificuldades sociais enfrentadas pelos alunos, enfatizando a questão do silêncio nas narrativas mediante aos questionamentos realizados sobre o tema.

Capítulo 1- As expectativa dos alunos vinculada à escola

Busco aprofundar a discussão sobre o aluno que tem expectativas sobre a escola vinculada a melhorar de vida. Durante as entrevistas os questionei sobre o conhecimento vinculado às aulas de história porque inicialmente esta era a minha preocupação central no tema, e como a escola e o aluno dependem do professor, farei breves comentários a respeito devido não ser o foco da pesquisa.

O jovem tem a expectativa que freqüentando a escola pode se ter um futuro melhor como o aluno João Paulo¹ que faz referência ao conhecimento:

Ele é um passo a mais que você tem, ele é uma certa, diferencial seu então hoje em dia a escola ta pra isso, a escola ta pra te ajudar a em termos de futuro futuramente você pode ta entrando numa boa aí, que tem faculdade ai que é publica e é boa no caso da UFU.²

Ao analisar esta fala pode se compreender como o conhecimento é colocado como distante como o termo usado “futuramente” faz referência a algo distante. Mas, se acredita ser possível, apesar de exigir esforço e dedicação e nem sempre isso é o bastante porque tem outros fatores que influenciam como a escola, o próprio acesso à preparação para se conseguir ingressar em uma faculdade como no caso dos alunos de escolas publicas que precisam fazer cursinhos preparatórios ou até mesmo fora do horário de aula fazer um cursinho complementar, nos casos de alunos que não trabalham e que tem uma melhor condição financeira que os permite fazer.

Quando eu questiono o aluno João Paulo sobre a escola, conhecimento isso ligado ao trabalho, futuro, ele responde:

...e a educação hoje em dia em termos geral assim em escolas pública é bastante crítica, porque todo mundo critica a educação hoje em dia, só que não é bem assim eu acho que, eu penso do pro outro lado eu acho que a educação pode ser, tanto pessoal falar que é critica mas ela ajuda o pessoal que não tem condições de ta pagando uma escola melhor entendeu, então é precária é! Mas se não tivesse ela seria pior

¹ João Paulo de Freitas Salge tem 16 anos, trabalha na Caixa Econômica Federal e a entrevista foi realizada dia 29/11/06 na própria escola.

² Universidade Federal de Uberlândia.

*entendeu, então eu acho assim que a educação hoje em dia devia se mais, mais como que é que fala, devia se principal assim nos deveres assim dos políticos, ou dos assim senador.*³

Quando o aluno João Paulo faz referência à condição financeira dele e de seus colegas, analisei mais a fundo esta fala porque nos remete a algo muito maior a ele que seria como o capitalismo na forma dos governos institucionalizados foram degradando tanto a condição da vivência em sociedade onde os alunos não vêem seus direitos resguardados por aquele que deveria fazer cumprir as leis. Mas, a justificativa dos governos (quando eu falo em governo refiro-me ao Federal, Estadual e Municipal) seria pela falta de investimento, mas como o capitalismo gera desigualdades, esses alunos são filhos de uma família que na década de “noventa” enfrentou uma grande crise econômica, onde o desemprego, a fome, a crise do petróleo. Esta situação difícil enfrentada pelos pais desses alunos ainda vem perdurando até os nossos dias, onde se fala que o desemprego caiu, mas a condição de vida do brasileiro ainda esta entre as piores do mundo, onde a concentração de renda esta nas mãos de poucos.

Como o meio os influencia? Uma aluna, a Mariana, fala que tem momentos que precisa ser forte para não abandonar a escola, para não ir “na onda” da turma, que só quer curtidão. O referencial “deles” são os familiares porque eles querem um futuro melhor para ajudar os pais. Nesta fala, a mãe não estudou e não teve oportunidade de melhorar, de conseguir um bom emprego, e isso ela não quer e por isso ela vem pra escola em busca de um futuro melhor pra ela e a família.

Quando eu me refiro à família falo de uma mãe com os filhos, onde ela é separada -o que conhecemos hoje de família moderna- mas isso nas famílias pobres implica nos filhos ou filhas mais velhos terem que começar a trabalhar muito cedo para ajudar nas despesas dentro de casa e com isso, tem que estudar a noite, ou até mesmo parar de estudar em função do trabalho.

Quando Mariana é questionada sobre o porquê de vir pra escola, relacionada ao futuro ela responde que:

É olha eu acho que ta relacionado a tudo, entendeu primeiramente pra

³ Entrevista realizada com o aluno João Paulo de Freitas Salge.

mim porque muitas pessoas acham isso uma coisa muito boba que não tem nada a ver mais pra mim é muito importante primeiramente porque eu so[sou] de uma família classe baixa mas a gente todo mundo da minha família trabalha eu, minha mãe e meus dois irmãos e da pra gente te uma vida boa, mais em relação que as vezes as dificuldade que a gente passa é eu acho que pra mim pelo menos eu preciso desse estudo eu to no segundo colegial e eu preciso terminar, espero que assim que eu consigo alguma coisa bem boa pra frente com os meus estudos porque não é muita coisa garantida assim, e a minha mãe a minha mãe voltou a estudar porque na época dela não estudava e agora que ela veio vê a dificuldade graças a mim e meus irmãos a gente apoiou ela então eu não pretendo ter mais ou menos assim não por vergonha do que a minha mãe teve e pelo que eu passo mais eu prefiro eu pretendo fazer e ter um futuro bem melhor e bem mais tranquilo que eu possa fazer o que eu quero e comprar o que eu quero sem problema nenhum e é isso, é assim que eu acho que eu quero, agora a gente sonha, a gente sonha bastante e é difícil mas eu vou sonhar muito.

Acredito mas é meio difícil porque as coisas lá fora muitas das vezes né? auxilia a gente muita das vezes a esquece um pouco de estudo num quer estudo quer disisti entendeu as vezes a gente só pensa em só em acha que as vezes as coisas é só festa é só sai é só amigo entendeu e não é bem assim a gente precisa de ser persistente porque se não num da certo.⁴

Quando Mariana diz que precisa ser persistente para não abandonar tudo, ela tem a noção do quanto o capitalismo é brutal que faz com que jovens como elas se vejam em situações onde lutam pelo básico para viver e para isso precisam abandonar a escola, muitos são “arrimos” de família. A fala de Mariana é rica, nos remete a outro tema que seria a noção de classe, mas relacionado ao que não pode possuir porque na sua leitura o rico tem tudo do bom e melhor, já o pobre precisa trabalhar para se sustentar.

Algo importante de considerar na fala de Mariana é o quanto à educação para os pobres é importante, pois através da educação eles vêm uma saída da sua condição social. Com a educação, os pobres podem ter noção dos seus direitos e com isso questionar os políticos a exercer uma política pública de qualidade onde tenha menos corrupção. Talvez, por isso não é importante para os políticos que tenha educação de qualidade para todos e não seria somente educação, mas as necessidades básicas todas elas muito bem atendidas e com isso a classe menos favorecida saberia cobrar seus direitos.

⁴ Mariana Ferreira Santana Martins, trabalha como secretária em uma firma, tem 21anos e a entrevista foi realizada dia 29/11/06 na escola.

A partir da pesquisa, pude analisar que o aluno de escola pública tem dois referenciais os que estudam de manhã, um ou outro que trabalha, eles tem mais condições financeiras, pois não precisam trabalhar para complementar na renda da família e vários deles compraram livros que o Estado não fornece. Os alunos da noite em sua grande maioria todos trabalham porque precisam contribuir em casa, e porque às vezes os pais não têm condições de oferecer os produtos de higiene pessoal, alimentação e aí precisam trabalhar para manutenção do seu próprio sustento e porque os jovens gostam de andar sempre na moda e se quer uma roupa nova muitas vezes os pais não têm condições. Isso aparece na fala de Débora quando eu a questiono sobre a dificuldade de trabalhar e estudar e também depois que encerramos a gravação ela me falou como é difícil ter que estudar e trabalhar porque os pais não têm condições de oferecer o básico, mas até nisso ela não gosta de incomodar os pais e prefere trabalhar mesmo sendo difícil de levar o estudo e o trabalho juntos. Quando ela refere que o pai não tem condição de dá aquilo que precisa talvez o referencial dela seja a jovem rica e com isso ela deseja pertencer àquela sociedade, fazer parte dela porque da maneira como se vê seria como excluída e precisa ter determinados objetos para se sentir integrada.

*... Eu trabalho no sábado o dia todo então é assim e se parar de trabalhar fica difícil pra mim porque aí vai ficar muito difícil porque o meu pai não tem condições de me dar aquilo que eu preciso, pequeno silêncio, é difícil, é muito difícil.*⁵

E como precisam trabalhar se esforçam para não abandonar os estudos porque não querem levar uma vida como a dos pais, sempre vêem no estudo um futuro e um emprego melhor. Ou seja, com estudo se adquire mais capacitação e tem emprego que precisam de noções mínimas, seja de matemática ou da língua portuguesa e na fala de uma aluna isso aparece claro porque faz referência ao português onde é necessário saber falar bem para que se tenha uma boa chance de emprego. Quando eu questiono a aluna Laila “O que você acha da escola, relacionada já que você falou de futuro ao emprego, já que você num trabalha como que você vê isso?”.

⁵ Débora Simões Pereira, tem 17 anos e trabalha em Criações Marfim uma loja de bijuterias e a entrevista foi realizada dia 29/11/06 na Escola Estadual Segismundo Pereira.

*Ai eu vejo é ai escola é fundamenta né, porque se você for fazer uma entrevista e você num tem se você num tem fala bem, se você num teve o conhecimento acho que logo a pessoa vê que logo que num vai te aprova né, o jeito de você fala se comunica e o seu conhecimento também na escola, acho isso importante prum bom emprego*⁶.

É importante considerar a questão da condição social desses jovens de família pobre e o autor Galbraith faz uma discussão pertinente à sociedade brasileira apesar de a pesquisa considerar a sociedade norte-americana contemporânea "a nenhum latino-americano pode parecer estranha esta implacável e selvagem lógica social que configura o conhecido cenário de minorias 'ganhadoras' e majorias 'perdedoras' característico em nosso continente". Como sustenta Galbraith, "os satisfeitos elaboram teorias e doutrinas que eles permitam legitimar e naturalizar sua posição de privilegio."⁷

Um fator importante seria como a nossa sociedade valoriza a educação e acha que através da educação os mais pobres possam melhorar de vida e com isso se cria muitas expectativas nos jovens que freqüentam a escola pública esperando ter um futuro melhor porque acham que através da educação todos os outros problemas se resolvem. Mas, se sabe que a educação não resolve tudo, não abre as portas para o trabalho, porque quantos jovens formados estão desempregados. O mercado de trabalho é seletivo, não há espaço para todos, e com isso o professor fica em uma situação difícil porque se acaba as expectativas do aluno dizendo que educação não é tudo, como motivar esses alunos em sala de aula? Mas, e o profissional o ser humano que esta ali em sala que também tem sentimentos, tem consciência, como conviver com isso? Porque universitários que vêm de pequenas escolas públicas do interior de Triangulo Mineiro, com realidade totalmente diferente da presenciada nas escolas públicas da cidade de Uberlândia, sentem o quanto é difícil de conviver com isso por saber que a escola não resolve tudo.

Seria como uma faca de dois gumes a realidade deste professor, sendo assim muito difícil de analisar o papel deste professor de história em

⁶ Laila Pereira Sarmento, não trabalha, tem 16 anos, entrevista realizada 07/12/06 na Escola Estadual Segismundo Pereira.

⁷ GALBRAITH, J.K. **La cultura de la satisfaccion**. Buenos Aires: Emece, 1992. p.13,14. In: Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação Visões críticas, org: Pablo A.A. Gentili & Tomaz Tadeu da Silva, 4 edição, ed vozes Petrópolis 1996: In: 4 capítulo O discurso da "qualidade" como nova retórica conservadora no campo educacional p 111-117

sala de aula, que dá aula para alunos que moram longe da escola, mas que a freqüentam cheios de expectativas em busca de mudar suas realidades principalmente profissionais e sociais. Isso nas entrevistas fica claro. Essa discussão é ampla porque envolve questões políticas que criam na sociedade esta expectativa. Porém, isso também pode ser explicado nos discursos dos políticos ao mostrar como a diminuição do analfabetismo “melhora” a sociedade, os cursos de longa distância, os cursos técnicos sem discutir a qualidade deste ensino. O governo busca passar uma imagem de como a escola possibilita melhorar de vida, mas por trás desta discussão tem algo que seria o discurso que não resolve tudo que os políticos não são capazes de fazer e transfere para o aluno esta responsabilidade. Devemos considerar a competição despertada nesses jovens que no futuro poderão torná-los frustrados porque não conseguiram tudo o que sonharam.

E algo que vem junto com esta idéia evolucionista que através do ensino o aluno progride na vida e ligada à idéia de melhores condições de vida está ligada a consumismo da sociedade porque as pessoas querem ter um bom carro, uma casa, viver bem e com conforto.

Na fala da aluna Dayane, devemos considerar como a mulher teve sua vida em sociedade alterada não só porque presa mais a vida profissional, em se querer um bom emprego, carro, casa e a vida conjugal fica em ultimo grau de importância. Porém, isso ocorreu devido o homem não conseguir mais sustentar toda a família e com isso a mulher precisa sair para trabalhar para contribuir com o sustento da família ou como no caso da aluna seria porque os pais não têm condições de oferecer tudo que deseja e busca na educação, uma forma de não viver uma vida de sacrifício.

*Ah porque eu penso em fazer faculdade, porque eu não quero ter um empreguinho só, eu quero ter um emprego bom, quero ter minha faculdade, quero ter curso, quero ter minha casa, meu carro e daqui uns anos casar é também.*⁸

Pelo que pude compreender nas entrevistas com os alunos quando questionado sobre o ensino de história não souberam responder, tiveram

⁸ Dayane Aparecida Fonseca tem 17 anos e não trabalha, entrevista realizada dia 07/12/06 na Escola Estadual Segismundo Pereira.

momentos de silêncio. Eles não expressam uma noção da importância das aulas da disciplina, o porquê delas existirem, como a história não é algo distante de suas realidades. Ela tem um porque de fazer parte do currículo, os alunos necessitam aprender mais sobre a importância da história em suas vidas, na sociedade na qual estão inseridos para assim ver o quanto a história é importante e não é algo distante deles.

E uma pequena parcela de culpa disto seria do professor e da escola, porém a culpa maior é do governo que instituiu quantas aulas são dadas na semana e na ditadura instituiu aulas de moral e cívica. Isso mudou o foco das aulas para tornar o estudante um ser passivo perante a sociedade e com isso a função da história perdeu significado e espaço, foi desvalorizada pela sociedade, tida como menos importante do que as outras disciplinas. Por este motivo, perguntei aos alunos sobre a importância do conhecimento histórico. Enquanto profissional da área, queria saber mais sobre como é a realidade na escola, na prática dos alunos nas aulas de história, pois inicialmente foi a minha preocupação como tema.

A perspectiva de melhorar financeiramente fica claro nas entrevistas e algo que me chamou atenção foi em uma conversa informal que tive com uma aluna, Débora Simões Pereira⁹ após desligar o gravador. Ela me falou que é revoltante morar no quintal da UFU e não ter oportunidade de entrar nela porque ela é pobre e acha difícil conseguir entrar na Universidade e também porque outros alunos mais preparados de outras cidades ou até mesmo outros Estados ingressam na UFU e ela porque precisa estudar vai para uma Faculdade particular, isso se conseguir um emprego melhor onde ganhe mais e tenha condições de pagar o estudo e só assim conseguiria um futuro melhor.

Antes de fazer as entrevistas pensava que os alunos não tinham consciência da necessidade de estudar vinculado a melhorar o poder aquisitivo, mas analisando a fala de Mariana podemos compreender mais a fundo essa situação quando eu a questiono sobre o porquê de vir para escola relacionada ao futuro.

„, e a minha mãe, a minha mãe voltou a estudar porque na época dela não estudava e agora que ela veio vê a dificuldade graças a mim e meus irmãos a gente apoiou ela então eu não pretendo ter mais ou

⁹ Entrevista realizada com a aluna Débora Simões Pereira.

menos assim não por vergonha do que a minha mãe teve e pelo que eu passo mais eu prefiro eu pretendo fazer e ter um futuro bem melhor e bem mais tranqüilo que eu possa fazer o que eu quero e comprar o que eu quero sem problema nenhum e é isso, é assim que eu acho que eu quero, agora a gente sonha, a gente sonha bastante e é difícil mas eu vou sonhar muito.¹⁰

Ela tem consciência de que precisa estudar, como sonha, vislumbra uma realidade diferente e a realização seria em poder ter tranquilidade de consumir sem preocupação. Pela forma como ela coloca a fala, podemos refletir sobre como tem o desejo de consumir sem a preocupação de que o dinheiro fará falta para família. Isso para uma jovem é difícil porque se no grupo no qual está inserida existe determinada moda, o não se vestir como o grupo pode significar ser excluído.

Quando a aluna diz que sua mãe não teve oportunidade de estudar podemos refletir o quando este problema da educação já perdura há algum tempo. Na década de 50, quem estudava eram as pessoas da classe alta porque ou pagavam uma professora particular para os filhos ou os mandava para internatos. Os pobres eram analfabetos, só aprendiam a escrever o nome para poder votar e com isso, de antes para agora, tem-se uma educação que ainda continua como excludente porque não resolve o problema de quem não tem condição de pagar e com isso se o aluno conseguir ele termina o colegial, porém é barrado no vestibular. Este é o momento maior da exclusão porque não há vagas para todos e com isso o governo toma como medida paliativa as bolsas para alunos carentes nas Faculdades onde às vezes não são preenchidas. Dessa forma, o problema irá continuar porque precisa investir na educação em todos os níveis do ensino.

Nas falas algo muito importante de se comentar seria como eles usam as palavras com significados que nos remete a compreender como distante “,,, futuramente você pode tá entrando numa boa faculdade aí, que tem faculdade aí que é pública e é boa no caso da UFU,...”¹¹ e na fala do Anderson “eu pretendo fazer estudar na escola e isso se Deus quiser e permiti isso termina o

¹⁰ Entrevista realizada com a aluna Mariana Ferreira Santana Martins.

¹¹ Entrevista realizada com o aluno João Paulo de Freitas Salge.

terceiro, pra mim tá prestando aí vamos supor um concurso público até eu ter capacidade de pagar uma universidade porque é muito difícil¹²»

Ele foi questionado do que ele busca na escola enquanto profissional no futuro, ligado a família e como a Universidade parece uma possibilidade muito distante da realidade deles. Os sujeitos têm consciência da dificuldade para quem é pobre entrar na Universidade e o referencial dele é de que a Universidade é o local de melhor ensino que se tem no Brasil. Porém, o vestibular a torna excludente e mais uma vez o aluno que não teve preparação suficiente para ingressar em uma Universidade pública vai para a Faculdade onde às vezes o curso não é reconhecido pelo Mec e este aluno posteriormente será um profissional no mercado de trabalho. Este aluno irá ingressar em uma Universidade pública ou pelos programas assistencialistas do governo ou caso consiga um emprego melhor e condições de pagar uma Faculdade.

Porém, está difícil para um jovem conseguir um emprego hoje porque o jovem não tem a qualificação exigida pela empresa e aí fica uma contradição porque nem todos têm acesso a cursos e com isso gera uma grande massa de desempregados e faz como que se tenha uma grande massa de trabalhadores para poucas vagas, os salários são baixos e torna o desejo de ingressar em uma Faculdade/Universidade mais distante da realidade deles, não por culpa deles, mas devido ao capitalismo. E quando falo em capitalismo falo do próprio governo que distribui as verbas nas instituições e como o controlador deste país que fiscaliza as indústrias, que faz as leis, que as muda e adequa às necessidades do momento, de acordo com os interesses do capital.

É importante falar do local onde eu encontrei este aluno. O prédio da escola é uma arquitetura muito antiga em formato de pavilhão, as salas de aula em dia de chuva forte costumam molhar no lado de dentro, durante os intervalos se estiver chovendo os alunos precisam ficar dentro da sala, não tem laboratório, e a biblioteca é insuficiente para todos. Durante as entrevistas com a turma da noite, notei uma obra de ampliação da escola aonde terá mais algumas salas de aula e agora com o laboratório de informática, trazido com o

¹² Anderson Ribeiro Costa, tem 17 anos, trabalha como servente para a Decoradora Valfran a entrevista foi realizada dia 29/11/06 na própria escola.

incentivo dos próprios alunos, onde os inscritos têm a possibilidade de fazer cursos de informática conforme Anderson coloca abaixo:

*Vamos supor que nem agora que conseguiu arrumar os computador muita gente num as vezes não tinha nem condição de pagar aula de informática que ta tendo mais pra tinha que por mais salas porque são poucos alunos que tem condição de ta aprendendo ali naquela sala porque são equivalentes só a trinta pessoas cadastrada numa escola que tem equivalente a 350 alunos, ai você faz uma comparação não tem como então muita gente ai ta perdendo essa oportunidade enquanto todos podem estar lá estudando num ta tendo a mesma oportunidade de todos porque eu acho que o direito tinha que ser igual então pra mim tinha que melhorar só nisso o resto.*¹³

E nem todos os alunos tem livro didático. Algo que se faz pertinente abordar na questão do livro didático, é que os professores da escola pública estão distante da realidade da Universidade a produtora do conhecimento e o professor seria somente o reprodutor do conhecimento através do livro didático, este produzido sobre a influência da indústria cultural como define Selva Guimarães “A universidade e a sua produção estão, pois cada vez mais ‘condicionada’ ou ‘influenciadas’ pela indústria cultural.”¹⁴

Preocupada em compreender se viam importância nas aulas de história questionei os alunos, mesmo que de um modo geral, a respeito do conhecimento de história, matemática, geografia, ligado ao futuro. A aluna Márcia responde da seguinte forma “Ah eu acho que, não é uma coisa que eu gosto de historia, não tem, eu sô mais matemática, adoro matemática, pra mim pro meu futuro vai se bem melhor.”¹⁵

A partir desta fala, podemos compreender que a aluna não vê importância na aula de história, mas isso é historicamente explicável. Mas não quero me deter neste ponto em específico, mesmo porque já fiz apontamentos ao longo do texto e esta não é a proposta do meu trabalho. A partir da minha preocupação com a aula de história e como este profissional ministra suas aulas me detive a discutir sobre este profissional. Foi importante a monografia

¹³ Idem

¹⁴ FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da Historia Ensinada**: São Paulo e Minas Gerais, anos 70 e 80. Dissertação de Mestrado em História Social apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.p.201.

¹⁵ Márcia Pereira dos Santos tem 25 anos, trabalha como babá, entrevista realizada 29/11/06, na própria escola.

de Eronildes que explica o motivo das aulas de história serem importantes.

Uma tentativa de fazer os alunos compreenderem o sentido das aulas de História seria proporcionar-lhes os instrumentos necessários para que possam vislumbrar todos os lados de uma mesma questão e assim refletirem a partir de diferentes interpretações, produzindo o seu próprio conhecimento.¹⁶

Para a mesma questão colocada a outra aluna, o aluno Anderson respondeu:

Pra mim eu acho que mudou muito desde das épocas dos meus avos até hoje a escola publica mudou porque antigamente como você pode ver num existia muito quadro, nas épocas, igual vamos supor na década de 1930 mais ou menos não existia quadro, num inexistia livro, hoje a gente tem tudo completamente de graça o governo manda livro pra gente todo ano, o ensino melhorou bastante principalmente o ensino em historia, o jeito das professoras explica, principalmente pra gente aluno da noite que trabalha muito durante o dia chega cansado é um jeito mais fácil, com bastante trabalhos explicativo e bastante trabalho apresentativo e isso a gente vai aprendendo cada vez mais, ai pra mim melhorou bastante do que as escolas que fiz a primeira serie a oitava seria pra mim melhorou bastante eu aprendi mais do primeiro ao segundo colegial do que nos anteriores.¹⁷

Este aluno se remete a importância das mudanças na instituição escolar compreendendo-as como melhorias ocorridas na infra-estrutura, ao colocar que o governo dá livro de graça. Como pude constatar a escola não tem livros para todos os alunos e vemos a contradição, como ele aceita as políticas do governo que diz que tem distribuído livros para os alunos. O mais importante é refletir que o governo não dá nada de graça, ele está revertendo para a sociedade os impostos que pagamos que se fossem melhores aplicados, a situação das escolas não estariam desta forma. No momento que ele diz que o governo dá livro de graça, devemos considerar que as escolas refletem os impostos pagos e os alunos esquecem de preservar o pouco dinheiro investido que é de todos.

Anderson busca apontar como ao longo dos anos as mudanças foram ocorrendo na escola ligado as melhorias para a instituição. E a aluna Kathlun

¹⁶ SANTOS, Eronildes Manoel. **A História no Nível Médio**. Preparação para a Cidadania ou para o Ingresso na Universidade. Monografia (Graduação em História) – INHIS, U.F.Uberlândia, Uberlândia, Junho de 2005. Pesquisa orientada pela Profa Dra Maria de Fátima Ramos de Almeida. p 20.

¹⁷ Entrevista realizada com o aluno Anderson Ribeiro Costa.

respondeu:

Eu sempre tive dificuldade em historia, sempre, sempre teve, eu nunca fui boa em historia porque primeiramente porque eu num gosto muito de fica leno mais é bom historia assim a partir do tempo que oce pega pra estuda mesmo é bom eu gosto, as professoras todas que eu tive foi assim dava aula normal mesmo pra quem era interessado, quem num era que ficava ne.¹⁸

Analisando cuidadosamente a fala de Kathlun podemos ver como ela se contradiz quando diz em um primeiro momento que gosta de história talvez porque soubesse que sou aluna do curso de história e não queria ficar em uma situação desagradável comigo. Em um segundo momento diz que gosta, e busca mudar sua posição e a partir disso podemos ver todo o cuidado que o entrevistado tem com as respostas e como o entrevistador influencia o entrevistado.

Fazendo uma discussão a respeito do trabalho do professor, Selva Guimarães o define: “Para a realização de um projeto educacional, um dos elementos mais importantes do processo é o professor. Este supostamente domina o saber e a educação se realiza através do seu trabalho a nível de planejamento e execução do processo de ensino”.¹⁹ Acreditando que o professor historiador tem um papel fundamental em sala de aula, em demonstrar ao aluno que é um ser social ativo, capaz de fazer alterações na sociedade no qual esta inserido, não podendo permitir que a sociedade como um todo gire em torno de interesse de alguns, onde ele deve saber dos seus direitos e deveres enquanto cidadão e não encarar os fatos como prontos, acabados ou como verdade absoluta. O professor historiador tem um papel social a cumprir em sala de aula com seus alunos e com o seu ideal de historiador, onde deve levar o aluno a refletir sobre a sociedade na qual esta inserido. Por isso, durante o período militar o profissional de história, dentre outras áreas, teve sua atuação acompanhada de perto chegando a perder espaço para as aulas de moral e cívica.

Faz-se importe discutir que durante o período ditatorial, com o Golpe de 1964, o Estado vê a necessidade do esvaziamento do ensino histórico nas

¹⁸ Kathlun Lorrany tem 17 anos, não trabalha entrevista realizada 06/12/06 na Escola Estadual Segismundo Pereira.

¹⁹ Cf: FONSECA, p 26.

escolas de primeiro e segundo grau em detrimento a educação cívica, visando assim a segurança nacional. É importante lembrar como a introdução de aulas voltadas ao ensino técnico ocorreu nesse período, buscando atender ao mercado de trabalho e, nesse sentido, ocorre a transferência de relação de qualidade do setor econômico e industrial para o educacional. A partir destas mudanças, ao longo deste período e até nos dias de hoje, o ensino técnico cresceu porque os cursos ampliaram para diversas áreas. Com isso, tem-se um profissional capacitado para atender ao mercado de trabalho onde ele irá ganhar menos e trabalhar igual ao profissional que tem curso superior e com isso a empresa tem lucro com este profissional.

Tira do Estado como fornecedor da educação e da preservação dos direitos dos indivíduos e transfere para os alunos a sua responsabilidade mais isso de uma maneira cultural e com isso se vive uma democracia delegativa. Se o aluno não consegue entrar em uma Universidade a culpa é colocada somente no próprio aluno, ou se não consegue um bom emprego é por falta de vontade individual, mas esquece que precisa ter capacitação e o governo precisa oferecer condições para que isso venha ocorrer e com isso a escola passa a refletir as mudanças sociais e econômicas do país, ou seja passa a servir aos interesses dos industriais.

Isso nos leva a refletir sobre o ideal de democracia onde todos são iguais que na ditadura não foi respeitado onde varias pessoas morreram lutando por ter não seus direitos resguardados, mas como Perry Anderson faz referencia a questão na América Latina como “... a democracia capitalista estável é construída sobre a derrota _e não sobre a vitória_ das classes populares”²⁰. E partindo deste ideal de democracia até os dias atuais ele não ocorreu, nem todos têm acesso aos mesmos direitos, como educação de qualidade.

Podemos concluir com Maria Inês S Souza que tanto o IPES como o governo em ambos a educação é vista como “...um instrumento a serviço do

²⁰ ANDERSON, P. Dictadura y Democracia en América Latina. In: _____ **Democracia y socialismo**: La lucha democrática desde una perspectiva socialista. Buenos Aires, Ed. Tierra del Fuego, 1988, p. 65. In: Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação Visões críticas , org:Pablo A.A. Gentili & Tomaz Tadeu da Silva,4 edição,ed vozes Petrópolis 1996: In:4 capítulo O discurso da “qualidade” como nova retórica conservadora no campo educacional p. 117,118.

desenvolvimento econômico...”²¹, a partir da constituição de 1967 que o governo começa a diminuir os investimentos na educação e leva o crescimento do ensino privado no país, especialmente o superior.

Durante os anos de formação acadêmica ouvia colegas meus dizerem que a realidade da escola era diferente da que tínhamos na Universidade e que os alunos eram indisciplinados, não queriam estudar e não acreditavam na escola pública porque em breve não iria existir nem Universidade quanto mais uma escola publica de qualidade. Isto me levou á vários questionamentos e um deles era conhecer mais de perto a realidade dessa escola pública porque a minha referencia de escola publica era muito diferente da então. Eu sempre estudei em escola pública desde a então conhecida primeira serie onde cursei em uma escola de uma pequena cidade do Triângulo Mineiro e finalizei o segundo grau. Na escola, nós tínhamos livros e quando necessário meu pai comprava mesmo sendo de uma família humilde e a minha relação com a escola sempre foi muito boa porque em escola do interior os professores e a diretora são amigos dos pais, então se o aluno faz alguma coisa errada os pais ficam sabendo no mesmo dia. A minha relação com a escola sempre foi positiva, eu fui muito incentivada pela equipe da escola e diretora para fazer uma Universidade e quando eu entrei na UFU foi uma alegria imensa para os meus pais e para mim que sai de uma fazenda onde em morava com os meus pais para cursar História, foi um passo grande para mim e isso sempre foi motivo de orgulho.

Esta realidade tão diferente me levou a querer conhecer estes alunos e com isso a escola. Fui com esta inquietação para as aulas do estágio que me levou a ter contato com a equipe da escola durante e, posteriormente, quando eu retomei o projeto da monografia senti-me instigada a compreender porque os alunos vêem na educação uma fuga de suas realidades financeiras para conseguir melhorar de vida.

Notei que estas pessoas que comentavam tanto sobre a educação não compreendiam os alunos, o porquê de eles irem para escola, só viam a realidade da escola que é difícil que nem todos têm os livros, que eles chegam atrasados principalmente a turma do noturno porque trabalham e não gostam

²¹ Cf. FONSECA, p 17.

de se verem como coitados. Sempre quando são questionados se tem diferença entre o ensino da manhã com o da noite alguns afirmam que sim e outros não, às vezes, falam que o professor usa uma linguagem diferente e quando falam que o professor da noite quase não passa trabalho falam que se o professor desse trabalho iria demorar, mas seriam capazes de fazerem.

Ah porque os professores pensam assim como todos os alunos da noite a maioria trabalha chega cansado então tem que explicar um tipo de matéria diferente, é diferente das outras, que nem de manhã você vem aqui na parte da manhã as matérias tão muito adiantada do que das nossa e as vezes tem matéria que eles nunca viu e nunca vai vê são modo de explica diferente entendeu vamos supor uma pessoa da noite passa pra de manhã não acompanha o ritmo porque as matérias foi tudo diferente foi tudo trocada, ai pra mim eu acho tinha que se tudo igual dependendo de que trabalha ou não, porque se ta escola é pra aprende a mesma matéria de base como os outros alunos.²²

...eu acho que a gente é muito tipo assim os excluídos, muito das partes das coisas que tem aqui na escola a gente ta sempre sabe, ai quando a gente que fala sabe as coisas que acontecem aqui na escolas eles não aceita porque fala que a gente à porque a gente trabalha a gente hum num que sabe de,de faz as coisa, igual trabalho eles num passa trabalho pra apresenta porque acha que a gente é muito irresponsável e não faz, nada em grupo e nada fora daqui entendeu.²³

Refletindo sobre o sentido de excluído na fala, ela nos indica que os alunos da noite têm um tratamento diferente da escola, porque trabalham as aulas são ministradas de maneiras diferentes porque seriam incapazes de fazer trabalhos para apresentar. Outra forma que podemos compreender o ser “excluído” seria como as pessoas menos favorecidas que precisam trabalhar vão estudar a noite.

²² Entrevista realizada com o aluno Anderson Ribeiro Costa.

²³ Raysa Deuze tem 18 anos e trabalha em um salão de beleza, entrevista realizada dia 06/12/06 na própria escola.

Capítulo 2- As dificuldades enfrentadas pelos alunos enfatizando a questão do silêncio nas narrativas

Na fala de vários alunos fica evidente a grande importância que dão a escola sempre ligado à vida profissional porque ainda acreditam na escola como meio de superação das dificuldades sociais, e devido saberem que no mercado de trabalho é cada vez mais difícil ter acesso a um bom emprego, e sabemos que a faculdade não garante um emprego ao seu término, mas se exige nível superior em seleções de emprego e podemos compreender como uma forma de seleção do próprio mercado empregatício. Também temos que considerar, assim como diria BRZEWZINSKI, que o “aumento das ‘massas humanas descartáveis’ pelo acirramento dos vetores tecnológicos poupadores de mão de obra” ²⁴. Com isso, podemos fazer compreender que tem muita gente para pouco emprego. Dessa forma, as consequências para nós que estamos nesse mercado é desastrosa, os salários são baixos e não temos escolhas a fazer, muitas vezes por necessidade temos que aceitar o que nos é colocado e pronto. E isso nos remete à questão de que não existe união entre as classes de profissionais, não se tem espaço para organização destes profissionais, e isso os deixa vulnerável.

Um outro fator importante que deve ser considerado é a função cada vez mais difícil de ser executada do professor, de um modo geral, em sala de aula. Porque se ele deixa claro aos alunos que não tem espaço para todos no mercado de trabalho, como irá motivar esses alunos a querer ter um pouco mais de conhecimento? Como justificar aos mesmos a importância do conhecimento e como isso coloca o professor em uma difícil situação em sala de aula. Talvez, uma das justificativas que poderia ser utilizada pelo professor possa estar em “a educação do trabalhador é muito mais qualificada e exige uma maior permanência na escola, pois a educação não formal, materializada por treinamentos rápidos dados no próprio solo da fábrica, está sendo superada.”²⁵

²⁴ **Revista da Faculdade de Educação**, v 22, n 2, jul/dez 1996, p.112.

²⁵ Idem, p.114.

O aluno é que fez surgir toda esta pesquisa, mas sempre devemos lembrar que a escola e o aluno não existem sem o professor, sendo importante ressaltar:

*Um desafio que se coloca neste momento é como formar profissionais que, atuando na educação escolar, possam responder pela formação de crianças, jovens e adultos qualificando-os para o exercício da cidadania e para atuarem em um mercado de trabalho que exige do profissional inteligência, conhecimento, domínio de informações e utilização de modos sofisticados de comunicação pela vias eletrônicas.*²⁶

Os alunos vêem a importância da escola pública relacionada a convivência em sociedade, ao trabalho e acreditam nela porque quem não tem acesso as escolas particulares, estudam na pública, e com isso quando o aluno João Paulo de Freitas Salge é questionado de como vê a educação, de um modo geral, como que compreende a educação, o que busca na escola, seja na escola publica, como que vê o ensino público ligado ao trabalho hoje?

“eu penso do pro outro lado eu acho que a educação pode ser, tanto pessoal falar que é critica mas ela ajuda o pessoal que não tem condições de tá pagando uma escola melhor entendeu, então é precária é!”²⁷

No entendimento de Marcos A. Silva “Trata-se de problemas gerais de aprendizagem, ensino e escola que o professor de História não pode negligenciar. Resta ainda, em nosso campo de trabalho especifico a possibilidade de a produção de conhecimento histórico ousar transcender a definição de outros (ensino, passado, etapas, ignorantes, consumidores), sem permanecer na reiteração do mesmo, assumindo o questionamento de si como tarefa infinita. Enfrentaremos esse desafio?”²⁸

O trabalho com a história oral foi de suma importância. A leitura de textos de Alessandro Portelli, como esse cujo titulo é Memória e Diálogo:

²⁶ Idem, p115.

²⁷ Entrevista realizada com o aluno João Paulo de Freitas Salge.

²⁸ SILVA, Marcos Antônio Da (org) Balanços e Perspectivas.In: **Repensando a História**. São Paulo: Marco Zero, 2 edição, 1980, p.24.

Desafios da História oral para a Ideologia do Século XXI²⁹ onde ele discute a importância da História oral para o século XXI o autor enfrenta o revisionismo histórico em questão no seu país de origem no caso a Itália. Ele parte desta discussão para nos remeter ao quanto à história oral é importante, pois não podemos simplesmente dizer que o século XX foi um século de horrores e crimes que precisa ser revisto e com isso não devemos esquecer movimentos sociais, as importantes lutas deste século como Portelli o assim descreve abaixo;

*Estamos em situação de lembrar que, de fato, o século XX foi um século de crimes de todos os lados, guerras etc. Mas foi também o século dos direitos civis de Martin Luther King e Malcolm X; foi o século do antiimperialismo, de Ernesto Che Guevara; foi o século da luta pela igualdade social e da luta muitas vezes mal conduzida, muitas vezes criminosa, por alternativas ao capitalismo. Foi o século de uma renovada conscientização dos direitos da mulher. Tudo isso eu me recuso a permitir que seja esquecido, apagado numa destruição de toda a sabedoria de onde viemos, em nome do fim das ideologias e da livre competição de mercado.*³⁰

Partindo da perspectiva de Portelli acerca da importância do século XX, as lutas e transformações foram importantes para as discussões sociais. Considero de suma importância uma discussão sobre os acontecimentos marcantes, no caso do Brasil, de refletirmos sobre como a ditadura interferiu na educação. Principalmente se em um primeiro momento substituem as aulas de história e, em um segundo momento às acompanham de perto, bem como a atuação do professor conforme o programa curricular adotado. Seus resquícios ainda aparecem hoje como os alunos não têm noções mínimas do quanto a história traz possibilidades de uma posição política e analítica da sociedade na qual estamos inserido e como o professor historiador não tem sido reconhecido pela importância de sua profissão e função na sociedade. Quando questionada sobre a importância a respeito do conhecimento de história, podemos observar na fala da aluna Márcia “Ah eu acho que, não é uma coisa que eu gosto de

²⁹ PORTELLI, Alessandro. Memória e Diálogo: Desafios da História Oral para a Ideologia do Século XXI. In: FERREIRA, M.M. FERNANDES, T.M; ALBERT, V (org). **História Oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz- CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000,p. 67-71.

³⁰ Idem, p. 68

historia, não tem, eu sô mais matemática, adoro matemática, pra mim pro meu futuro vai se bem melhor”³¹.

Portelli faz uma definição da importância da História oral porque esta pesquisa a memória como podemos observar abaixo:

*Acredito na história oral precisamente porque ela pesquisa a memória de indivíduos como um desafio a essa memória concentrada em mãos restritas e profissionais. E penso que parte de nosso desafio é o fato de que realmente encaramos a memória não apenas como preservação da informação, mas também como sinal de luta e como processo em andamento. Encaramos a memória como um fato da história; memória não apenas como um lugar onde você “recorda” a história, mas memória “como” história. Nisto é que temos trabalhado constantemente. De um lado, construindo arquivos e fico feliz por Verena ter mencionado isso, porque se trata de um recurso inestimável para que a memória não seja esquecida; de outro, insistindo no fato de que a memória é um processo, algo que esta acontecendo agora, do qual todos partimos.*³²

Ainda comentando o fragmento acima, é importante considerar que o aluno (quando me refiro ao aluno faço referência aos que entrevistei na Escola Estadual Segismundo Pereira) só respondeu por que ele foi questionado pelo entrevistador no caso por mim. Cada pergunta tem uma intenção, é o entrevistador que conduz a entrevista, ele faz parte daquele momento vivido com o entrevistado e isso não o deixa imparcial. Pois, a entrevista só é possível de ser produzida desde que o entrevistado sinta confiança no entrevistador porque ele está relatando fragmentos de memórias dele, fatos íntimos. Às vezes, como é sabido, os fatos mais importantes da entrevista são ditos quando o gravador já está desligado, depois de alguns encontros, ou quando o entrevistado sente confiança no entrevistador. Isso nos remete ao quanto o diálogo é importante não só para a história oral, mas como “define” Portelli:

*... devemos insistir no fato de que, para ter uma comunicação oral, é preciso que as pessoas falem umas com as outras. Por isso, a essência do nosso desafio é renovar a questão do diálogo. Essa questão significa, novamente, a luta por igualdade. Não há diálogo quando não há igualdade. Assim, para ter diálogo, precisamos continuar a luta por igualdade. E não há identidade onde não há igualdade.*³³

³¹ Entrevista realizada com a aluna Márcia Pereira dos Santos.

³² CF: PORTELLI, p. 69

³³ CF: PORTELLI, p. 70.

Quando Portelli analisa a questão da informação total ligada á tecnologias e suas contribuições, como a internet, pode-se remeter que se um fato que era privado a um individuo quando ele “cai na rede” ele pode ser visto pelo mundo todo desde que se tenha acesso a esta rede de informações, porque tem fato que aparece primeiro na internet e posteriormente é divulgado na televisão e jornais impresso e, com isso Portelli nos remete à reflexão de como trabalhar com o silêncio nas entrevistas. Porque de um lado temos variados meios de informação, seja através da informação escrita, porém do outro lado temos as reticências e devemos aprender a interpretar este silêncio nas falas como podemos ver a seguir:

... a metodologia da historia oral, em que as pessoas não revelam informações sobre elas mesmas a menos que queiram, porque esta baseada na luta por igualdade e na busca do diálogo, significa também uma defesa dos direitos das pessoas de não revelar tudo a respeito delas próprias.³⁴

Quando eu questiono a aluna Márcia

“Então você acha que a educação com o trabalho, assim o que você me fala um pouquinho disso assim, da escola ligada ao trabalho essa relação?”

R: Silêncio....

Mas a educação e o seu futuro o que você me fala? Do amanhã daqui ‘três’ anos quando você tiver saindo do colegial?

R: Silêncio...

A escola, o conhecimento, isso que você busca na escola?

R: O que vai me ajuda pro futuro!

Isso, o que você me fala disso?

R: Eu acho, (pausa) que vai se tudo meu futuro, no meu trabalho, eu não to entendendo muito o que você ta me perguntando, (pausa) novamente.

Ok,então Márcia, eu te agradeço pela nossa conversa e se depois eu precisar eu venho falar de novo com você.

R: Aí você me pergunta de novo porque agora eu fiquei bem nervosa³⁵.

Talvez ela não soube responder porque o futuro lhe aparece como incerto, distante provavelmente devido as dificuldades que tem para sobreviver. Isto não a permite ter a noção de um futuro ainda que seja distante e ligado ao trabalho, diante da nossa realidade acerca das dificuldades para conseguir emprego e talvez com isso não soubesse como responder.

Quando questionei esta aluna percebi que ela ficou inibida na presença do gravador. Quando finalizamos a entrevista, ela sugeriu que as perguntas

³⁴ Idem PORTELLI p 70

³⁵ Entrevista realizada com a aluna Márcia Pereira dos Santos.

fossem refeitas após suas reflexões. Isto me fez concluir que a Márcia não tinha refletido antes sobre o assunto, sendo levada a isto, após o questionamento. Quando eu questiono a aluna Débora

Me fala assim é, mesmo que tem toda essa dificuldade da escola publica é o ensino, do conhecimento, da educação de um modo geral, que curso você pretende fazer?

Meu sonho de verdade era medicina só que, que eu não tenho base pra medicina de jeito nenhum, então eu vou me contentar com um curso mais assim inferior, não sei ainda não tem idéia talvez enfermagem as vezes ate paga porque pobre entra em faculdade particular e rico entra na UFU porque o é rico ou é esforçado pra entra na UFU eu não posso se esforçada porque né porque eu não tenho tempo porque eu trabalho o dia todo e estudo a noite se eu for ser esforçada eu vo estuda realmente tem que estuda da meia noite as seis, eu trabalho no sábado o dia todo então é assim e se parar de trabalhar fica difícil pra mim porque ai vai fica muito difícil porque o meu pai não tem condições de me da aquilo que eu preciso, (pausa) é difícil, é muito difícil³⁶

Na fala de Débora ela nos remete a questão da exclusão do vestibular nas Universidades onde os alunos de escola pública têm dificuldade de ingressar e da dificuldade que é para ela trabalhar e estudar e o quanto é difícil falar da condição financeira da família que não tem condições de fornecê-la o que precisa com isso ela se cala e sei que deve ser difícil falar de uma situação desagradável com uma pessoa estranha. Quando eu questiono a aluna Raysa

E que você acha que assim porque você assim ainda vem pra escola ainda?

Eu venho porque eu pretendo ainda formar né? em psicologia, mais igual eu estudei de manhã né? pelo fato de eu estudar de manhã eu via que a gente sabe era dava mais atenção, valorizavam mais a gente, agora a noite eu estudei em colégio público porque não tem como eu estuda mais de manhã mais se fosse preferivelmente eu queria (pausa).

Porque você trabalha?

É porque eu trabalho o dia inteiro ai não tem como eu estuda, mas fora isso sabe não tem de que reclama não (pausa).³⁷

Para Raysa é difícil falar da diferença de tratamento que tem na escola entre manhã e noite e como precisa trabalhar ela tem que contentar com o que tem e com isso aparece o conformismo. Quando eu questiono o aluno Lucas

³⁶ Entrevista realizada com a aluna Débora Simões Pereira.

³⁷ Entrevista realizada com a aluna Raysa Deuze.

*O que você acha da escola enquanto você vem aqui pra busca conhecimento, o que a escola te contribui nisso?
 É ai né? (pausa), me passando o conhecimento.
 E os professores assim o que você me fala?
 Há a maioria são bons tem professores ruins e professores bons.
 E você enquanto aluno o que você acha?
 De mim!.
 É!
 Há, (pausa) bom.³⁸*

Lucas responde com o silêncio quando é questionado sobre o conhecimento e com isso podemos ter várias interpretações, não querer responder já que é direito dele. E sobre os professores ele responde que tem os ruins e bons, e com isso podemos refletir sobre a realidade da escola, onde falta uma melhor preparação deste profissional. Quando eu questiono a aluna Dayane.

*É assim como você assim num trabalha talvez você num tem aquela experiência de ir o pessoal pergunta se você trabalha, o que você faz e como você não tem esta experiência de trabalhar talvez por isso você não passou por esta experiência, mas o pessoal geralmente comenta disso e o que você fala da escola, dessa busca do conhecimento relacionada ao seu futuro, basicamente pra mim do amanhã de um modo geral?
 Silêncio... ai sei lá, todas as escolas que pelo menos eu estudei foi bom eu sempre, tentei não tira nota dez mas não tinha que num se a pior mas tinha que se boa aluna, bom.
 O que você fala da escola publica?
 (Silêncio), num acho ruim porque eu acho que do mesmo que a escola particular é boa a publica também é o que faz a escola são os alunos, e os professores todos que tem aqui são bons e a diretora é boa, o que faz a escola é o aluno.
 Tem essa diferença da noite?
 (Silêncio), eu acho que não, de manhã assim os professores acho que querem mais do aluno, de noite os professores também quê mais eles assim que nem do tido de manha que nem o professor passa trabalho é pro outro dia, já de noite não da uns três dia porque a maioria trabalha.
 Você acha que isso atrapalha um pouco o conhecimento?
 Não, (silêncio)... acho que fica do mesmo jeito³⁹*

Analisando a resposta de Dayane pode-se compreender pela forma como ela se expressa que ela não refletia sobre o futuro relacionado à contribuição do conhecimento ou não quisesse se posicionar sobre o assunto e

³⁸ Lucas Moreira Guimarães tem 16 anos é funcionário da Menti Recursos Humanos, entrevista realizada dia 06/12/06.

³⁹ Entrevista realizada com a aluna Dayane Aparecida Fonseca.

sobre a escola pública, talvez por medo de que alguém da escola pudesse ter acesso a entrevista. Ela coloca a culpa nos alunos pela situação vivida na escola enquanto outros vêem o problema na instituição, expressando um entendimento da realidade na qual vivem.

Portelli remete a questão de como a entrevista é

*...uma troca ente dois sujeitos: literalmente uma visão mútua. Uma parte não pode realmente ver a outra a menos que a outra possa vê-lo ou vê-la em troca. Os dois sujeitos, interagindo, não podem agir juntos a menos de alguma espécie de mutualidade seja estabelecida.*⁴⁰

Analisando a entrevista ainda podemos considerar que se ocorrer desigualdade de poder pode criar entraves entre as informações passadas pelo entrevistado e aquilo que o entrevistador busca, porque é necessário criar uma identidade entre ambas as partes para que ocorra interação entre as partes. E durante as entrevistas, quando eles falam da dificuldade de ingressar na UFU isso me fez solidarizar muito com eles mesmo não sabendo o que dizer.

Mas, isso me fez lembrar da minha realidade que é nesse sentido parecida com aquela vivida por eles. Sou de família humilde, precisei abrir mão do convívio da família para tentar melhorar de vida saindo da minha casa vindo morar fora e com um sonho: entrar em uma Universidade. Isso tornou as entrevistas mais próximas. Ao final eu já conhecia a turma, eles já me conheciam mais um pouco, já falaram comigo mais a vontade, mas em momentos de fatos relacionados ao futuro incerto, das dificuldades que cada um vive em busca de uma vida melhor eles se recolhem no silêncio e talvez porque não sentissem a vontade de falar de algo íntimo a eles e mesmo que eu já conversava com a turma enquanto esperava a professora e isso fez com que eu me aproximasse um pouco deles. Porém, não o suficiente para eles me falarem de seus sentimentos e ao final quando não deu para entrevistar toda a turma alguns ficaram chateados, mas como tinham outras aulas eu podia conversar com eles nas aulas de História e as últimas entrevistas foram feitas na última semana antes das férias. A partir disso, concordo com Portelli abaixo.

Somente a igualdade faz a entrevista aceitável, mas somente a diferença a faz relevante. O campo de trabalho é significativo como o encontro de dois sujeitos que se reconhecem entre si como sujeitos, e

⁴⁰ PORTELLI Alessandro. Forma e significado na História oral, a pesquisa como um experimento em igualdade In: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História e de Departamento de História**. PUC-SP, N 14/fevereiro/97 p 7-24

*consequentemente isolados, e tentam construir sua igualdade sobre suas diferenças de maneira a trabalharem juntos.*⁴¹

⁴¹ Idem, PORTELLI, p.23.

Considerações Finais

Quando eu comecei a pesquisar eu queria conhecer mais a respeito da realidade do ensino de história em sala de aula e o meu primeiro contato foi com a turma da manhã durante o estágio, mas depois em um segundo momento com o contato com a turma do noturno eu mudei a definição do que eu iria pesquisar a partir das entrevistas que me foram decisivas para a pesquisa e foi com isso que eu deixei de questionar o papel do professor e comecei a pensar a respeito do aluno, e com isso a pesquisa tomou outra perspectiva.

Como eu já disse anteriormente no início deste trabalho eu busquei conhecer o aluno de escola pública, com suas expectativas e dificuldades, com base do que eu ouvia de comentários nada confortáveis sobre os alunos e a instituição escolar que busquei fazer o trabalho.

E as discussões feitas têm como base os alunos, porque esta realidade não tinha a ver com a minha realidade escolar, e foi com uma grande inquietação que fui pesquisar, e busquei trazer o aluno para a discussão central porque se encontra muitos trabalhos discutindo o professor e a escola, e o aluno fica mais em um segundo plano e foi com o intuito de dizer que a escola e o professor são necessários, porém o aluno também é fundamental nessa relação, eu concordo que as críticas construtivas são boas mas as feitas sem entender o outro lado o aluno, de quem nos fala de diversas formas, as vezes as críticas podem se tornar uma generalização, e só criticar o aluno não resolve precisamos entender o aluno, e com isso eu espero que a discussão sobre o aluno passa prosseguir de diversas perspectivas conforme a abordagem desejada.

FONTES

Entrevistas realizadas com alunos e alunas da Escola Estadual Segismundo Pereira de Ensino Fundamental e Médio, no período entre dia 29/11/06 a 07/12/06 com o segundo colegial da sala 07.

Entrevistas realizadas no dia 29/11/06:

João Paulo de Freitas Salge 16 anos e trabalha na Caixa Econômica Federal a nove meses.

Márcia Pereira dos Santos tem 25 anos e trabalha como babá, nascida em Jaíba no Norte de Minas Gerais.

Débora Simões Pereira tem 17 anos e trabalha na loja de bijuterias Criações Marfim.

Anderson Ribeiro Costa tem 17 anos e trabalha como servente para a decoradora Valfran.

Mariana Ferreira Santana Martins trabalha como secretária de uma firma e tem 21 anos.

Entrevistas realizadas dia 06/12/06:

Raysa Deuze tem 18 anos e trabalha em um salão de beleza.

Kathlun Lorrany tem 17 anos e não trabalha.

Lucas Moreira Guimarães tem 16 anos e trabalha na Menti Recurso Humanos, neste emprego esta à quatro meses, mas já trabalha desde os 13 anos.

Entrevistas realizadas dia 07/12/06:

Rodrigo Pereira da Conceição tem 18 anos e trabalha com refrigeração, é nascido na Bahia, e esta em Uberlândia à dois anos, e já trabalha a um anos e seis meses.

Jhon Lennon Santos Braga tem 16 anos e trabalha em um restaurante.

Jose Vicente Ferreira Santana Martins tem 19 anos e trabalha auxiliar de

montagem.

Laila Pereira Sarmiento não trabalha e tem 16 anos.

Dayane Aparecida Fonseca Silva tem 17 anos e não trabalha.

Referências

ANDERSON, P. Dictadura y Democracia en América Latina. In: _____ Democracia y socialismo: La lucha democrática desde una perspectiva socialista. Buenos Aires, Ed. Tierra del Fuego, 1988, p. 65. In: **Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação**, org: Pablo A.A. Gentili & Tomaz Tadeu da Silva, 4ª edição ed vozes Petrópolis 1996: In: 4 capítulo O discurso da “qualidade” como nova retórica conservadora no campo educacional p 117,118.

GALBRAITH, J.K. La cultura de la satisfaccion. Buenos Aires: Emece, 1992. p.13,14. In: org: Pablo A.A. Gentili & Tomaz Tadeu da Silva. **Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação**, 4ª edição, ed vozes Petrópolis 1996: In: 4 capítulo O discurso da “qualidade” como nova retórica conservadora educacional p 111-117.no campo

GENTILI, Pablo(org). **Pedagogia da exclusão**. Ed Vozes, Petrópolis, 2004, 253p.

FENELON, Déa Ribeiro. O Historiador e cultura popular: história de classe ou história do povo? In: **Revista e perspectivas**. Uberlândia, Nº6, Jan/jun.1992.

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da Historia Ensinada** (São Paulo e Minas Gerais, anos 70 e 80) dissertação de mestrado em história social, apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 01-234.

FONSECA, Selva G. **Ser professor no Brasil**. Campinas: Papirus, 1997.

SANTOS, Eronildes Manoel. **A História no Nível Médio**. Preparação para a Cidadania ou para o Ingresso na Universidade. Monografia (Graduação em História) – INHIS, U.F.Uberlândia, Uberlândia, Junho de 2005. Pesquisa orientada pela Profa. Dra. Maria de Fátima Ramos de Almeida. p 20.

PORTELLI, Alessandro. Memória e Diálogo: Desafios da História Oral para a Ideologia do Século XXI. In: FERREIRA, M.M; FERNANDES, T.M; ALBERT, V (org). **História Oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz-CPDOC – Fundação Getulio Vargas, 2000,p. 67-71.

PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na História oral, a pesquisa como um experimento em igualdade. in: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduação em História e de Departamento de História**. PUC-SP,N 14/fevereiro/97 p 7-24.

PORTELLI, Alessandro. As fronteiras da memória: o massacre das fossas ardeatinas. História, mito, rituais e símbolos e história Oral e memórias. Entrevista com Alessandro Portelli. In: **História e Perspectivas**. Revistas dos cursos de Graduação e do programa de Pós-Graduação em História da UFU. Uberlândia. EDUFU, 2001/2002, p. 9-26 e 27-54.

PORTELLI, Alessandro.“O momento da minha vida”: funções do tempo na história oral. Tradução de Helen Hughes eYara Aun Khoury. In: FENELON, Déa Ribeiro. MACIEL, Laura Antunes. ALMEIDA, Paulo Roberto De. KHOURY, Yara Aun. (orgs). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo, Olho d' água, 2004. p. 296-313.

Revista da Faculdade de Educação, v 22, n 2, jul/dez 1996, p.109-130.

SILVA, Marcos Antônio Da (org). Balanços e perspectivas. In: **Repensando a história**. São Paulo Marco Zero, 2ª ed, 1980. p24.

SILVA, Marcos A. Contra o horror pedagógico. Ensino de História, Exclusão social e cidadania cultural. In: **História e perspectivas**. Nº 23, jul/dez. 2000. Uberlândia/MG.